

AS MÚLTIPLAS IDENTIDADES NO CONTEXTO ESCOLAR

Maria do Rosário Teles de Farias

Universidade Federal de Goiás

zurizadaisam@bol.com.br

Comunicação Oral

Cultura e processos educacionais

Introdução

O presente trabalho tem como objetivo analisar as posturas dos sujeitos envolvidos na relação ensino-aprendizagem no contexto escolar. Para isso serão utilizadas duas obras uma do autor Zigmunt Bauman, intitulada “Identidade”. Na qual Bauman explica sobre as possíveis “identidades”, sentimentos de pertencimento a determinadas comunidades, círculos culturais e nação. O autor trabalha a ideia de que o pertencimento ou a identidade na “modernidade líquida” não são definitivos nem tão sólidos, mas negociáveis e revogáveis, tudo depende das decisões que o indivíduo toma, do caminho que percorre e da maneira como age.

Foi escolhido trabalhar este tema por perceber as relações estabelecidas nas novas estruturas sociais, nas quais não existe um referencial sólido como exemplo a ser seguido, o que se têm são identidades fluidas e sem valores morais que as sustentem. Utilizaremos também a obra “Identidade na pós-modernidade”, do autor Stuart Hall, na qual ele discorre sobre o fato de a identidade não ser biológica, e por ser construída historicamente, as velhas identidades que por muito tempo deram unicidade e estabilidade aos indivíduos na sociedade, vêm se desfragmentando, fazendo surgir novas identidades e abalando as referências do indivíduo. Para Stuart Hall (1999), se mantivermos a mesma identidade durante todo o percurso da vida, é porque construímos uma história cômoda de nós mesmos, pois essa identidade unificada, completa e coerente é pura fantasia. No contexto escolar ocorre a mudança de identidade, para que haja uma aceitação e reestruturação daquele sujeito que outrora se portava de determinada maneira, mas, que ao se deparar com uma nova situação precisa se adequar e se identificar com o novo ambiente e com os indivíduos envolvidos nele, agindo de forma diferente. Na percepção individual ou coletiva da identidade, a cultura exerce um

papel principal para delimitar as diversas personalidades, os padrões de conduta e ainda as características próprias de cada grupo humano.

A relação entre identidade e educação

A identidade tem a função de distinguir, de marcar as diferenças ou igualdades físicas, emocionais e comportamentais, dos indivíduos. Para conseguir fazer a identificação entre as diferenças ou igualdades existentes no outro é preciso identificar-se consigo mesmo, e perceber que não só o outro é diferente, mas que eu também sou diferente. E a partir desta postura entender que de certa forma, é normal sentirmos estranheza por alguém ou algo que não conhecemos, o que não pode ser considerado normal são as atitudes de discriminação, indiferença e desrespeito, que vezes por outra ouvimos alguém comentar. É preciso entender que nós nos reconhecemos melhor não só naquilo em que somos iguais ou parecidos dentro de nosso grupo de pertencimento, mas, na maioria das vezes, nas diferenças existentes entre nós e os outros, por isso, a identidade deve também ser vista pela perspectiva da alteridade.

A pesquisadora Kathryn Woodward corrobora essa opinião ao dizer que

A identidade nos dá uma ideia de quem nós somos e de como nós nos relacionamos com os outros e com o mundo no qual vivemos. A identidade marca as maneiras pelas quais nós nos reconhecemos dentro do grupo que compartilha uma mesma posição, e as maneiras nas quais nós somos diferentes daqueles que não a compartilham. Frequentemente, identidade é melhor definida pela diferença, ou seja, por aquilo que ela não é. Identidades podem ser marcadas pela polarização, por exemplo, nas formas mais extremas de conflito nacional e étnico, e pela marca de inclusão e exclusão - os de dentro e os de fora, “nós” e “eles”. (WOODWARD, 2002, p. 1, 2).¹

Isso nos leva a pensar que a postura principalmente do professor em relação ao aluno deve comportar uma recepção despreconceituosa. Sabemos que o impacto do contato entre aluno-professor, professor-aluno, aluno-aluno produz modificação em sua identidade. É visível para ambos e para as outras pessoas seu modo de se relacionar, de dialogar e de se portar, que outrora era um e agora passa a ser outro. Não que isso seja ruim, a determinação deste novo *modus vivendi* dependerá do tipo de identidade que os protagonistas do contexto escolar assumirão.

A escola é um ambiente no qual existem vários tipos de pessoas, portanto vários tipos de identidades. Fazendo com que, os seus freqüentadores se reconheçam

neste novo espaço freqüentado e assumam um modelo de identidade que seja condizente ao estabelecido pelo grupo, no intuito de ser aceito.

Para Bauman,

Em nosso mundo fluído, comprometer-se com uma única identidade para toda a vida, ou até menos do que a vida toda, mas por um longo tempo à frente, é um negócio arriscado. As identidades são para usar e exibir, não para armazenar e manter. (BAUMAN, 2005, p. 96).

Não fazer parte de um determinado grupo, ou, não pertencer a ele na atual estrutura societal, é algo que traz constrangimentos e dificuldades nas relações escolares, pois, alunos e professores que não se enquadram nas ditas regras estabelecidas, têm de enfrentar situações hostis como desrespeito e falta de direito quanto a exposição de suas opiniões.

Segundo Bauman,

Para a maioria de nós, portanto a ‘comunidade’ é um fenômeno de duas faces, completamente ambíguo, amado ou odiado, amado e odiado, atraente ou repulsivo, atraente e repulsivo. Uma das mais apavorantes, perturbadoras e enervantes das muitas escolhas ambivalentes com que nós, habitantes do líquido mundo moderno, diariamente nos defrontamos. (BAUMAN, 2005, p. 68).

Alguns alunos se sentem como se não pertencessem ao contexto escolar que freqüentam, por não conseguirem se enquadrar às ditas regras estabelecidas por professores, e demais alunos, chegando até mesmo a desistirem de estudar, por não se sentirem integrantes da sala de aula. Mas, nem sempre os professores percebem que estas atitudes não contribuem com a permanência destes estudantes na escola, seja ela de nível fundamental, médio ou universitário.

Sobre o tema identidade, Bauman (2005) considera que a globalização é uma grande transformação que afetou as estruturas estatais, as condições de trabalho, as relações entre os Estados, a subjetividade coletiva, a produção cultural, a vida cotidiana e as relações entre o eu e o outro. Nesse cenário, o tema da identidade, para o autor, é passível de preocupações e agitadas controvérsias.

No início do livro “Identidade”, Bauman narra sua trajetória de professor exilado, destacando sua condição de cidadão e descreve que se sua identidade de cidadão polonês não houvesse sido negada, dificilmente voltaria sua atenção para esse tema. O autor acredita que a noção de pertencimento e a identidade são negociáveis e revogáveis, sendo influenciadas pelas decisões do próprio indivíduo de acordo com as

apostas que faz, com os caminhos que percorre e a maneira como age. A identidade seria, então, algo a ser inventado e não descoberto. A sua fragilidade e a condição eternamente provisória não podem mais ser ocultadas. Bauman considera que na modernidade a identidade era determinada pelo nascimento e, hoje, a identidade é uma tarefa que os indivíduos têm que desempenhar por meio da sua biografia.

É inegável que desde o nascimento, somos condicionados e influenciados por modelos e exemplos de outros seres humanos, isto ocorre pelo fato de se sermos influenciados pela sociedade e pela cultura da qual fazemos parte.

Para Stuart Hall (2006),

(...) a identidade é realmente algo formado, ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não algo inato, existente na consciência no momento do nascimento. Existe sempre algo “imaginário” ou fantasiado sobre sua unidade. Ela permanece sempre incompleta, está sempre “em processo”, sempre “sendo formada”. (p. 38).

Sendo assim, atitudes como identificar preferências, conhecer-se e reconhecer limites são ações que se iniciam desde no início de nossas vivências e têm o seu término no final de nossas vidas.

Na construção da identidade de cada educando a escola tem fundamental importância, por ser o local onde os indivíduos estão mais disponíveis à aprendizagem, e pelo fato de o aluno identificar-se com o modelo de ser humano que lhe é apresentado, seja na postura do professor ou de seus colegas. Através do trabalho desenvolvido pelos educadores, ocorre a estimulação no aluno para uma longa caminhada de construção de um modelo de identidade que beneficie o grupo social.

É importante que o professor atuante e participante do processo de construção da identidade dos estudantes promova situações nas quais cada um reconheça suas particularidades e interaja com seus colegas, respeitando as diferenças de cada um.

A relação professor e aluno

A relação professor-aluno não deve ser uma relação de imposição, mas, de cooperação, de respeito e de crescimento. Na interação, o aluno deve ser considerado como um sujeito ativo no processo de construção de conhecimento. Assim, o professor

assume função fundamental no processo de ensino-aprendizagem, como sujeito mais experiente considerando o conhecimento do aluno, sua bagagem cultural e intelectual.

O professor e os colegas formam um conjunto de mediadores da cultura que possibilita progressos no desenvolvimento do aluno, cabendo analisar não somente a relação professor-aluno, mas também a relação aluno-aluno.

Piaget (1996) e Vygotsky (1996) afirmam que a relação do ser humano com o meio é sempre uma relação ativa e transformadora, que funciona como estímulos por meio dos quais controla e regula sua conduta ligada a uma consciência que determina o comportamento, como características qualitativas e fatores que permitem sua transformação em aquisições individuais. O incentivo, as orientações, os questionamentos, os relacionamentos, vividos em um estágio escolar tem importância fundamental para o educando. Isso porque ele busca a sua identidade a partir dessas vivências, e se elas não forem bem orientadas, estruturadas e edificadas, irão agir de forma negativa.

De acordo com a perspectiva sócio-histórica o ser humano se constrói na relação/interação indivíduo-sociedade. O homem só se faz humano na relação social. Portanto, segundo Valsiner (1994):

Sob condições de sugestões sociais, multifacetadas de diversos tipos, a pessoa constrói sua novidade social moldada por seu sentido pessoal, que se torna externalizada e, portanto, entra no processo de comunicação com as demais pessoas como parte do sistema de sugestão social (p.53).

Na perspectiva sócio-histórica o sujeito está em constante transformação e não possui uma identidade sólida, um fim a ser alcançado. Esta perspectiva investiga como a socialização constrói, reconstrói e transforma as funções psicológicas superiores no sujeito.

Com isso, Bauman expõe que,

em nossa época líquido-moderna, em que o indivíduo livremente flutuante, desimpedido, é o herói popular, “estar fixo” – ser “identificado” de modo inflexível e sem alternativas – é algo cada vez mais malvisto. (Bauman, 2005, p.35).

Vygotsky conceituou o desenvolvimento intelectual de cada pessoa em dois níveis: um real e um potencial. O real é aquele já adquirido ou formado, que determina o que a criança já é capaz de fazer por si própria porque já tem um conhecimento

consolidado. O desenvolvimento potencial é quando o aluno ainda não aprendeu determinado assunto, mas está apto a aprender, podendo ocorrer com a ajuda de outras pessoas.

Na distância entre esses dois níveis de desenvolvimento que estará um dos principais conceitos de Vygotsky: as zonas de desenvolvimento proximal, que é definido por ele como:

(..) A distância entre o nível de desenvolvimento que se costuma determinar através da solução independente de problemas, e o nível de desenvolvimento potencial, determinando através da solução de problemas sob a orientação de um adulto ou de companheiros mais capazes. (VYGOTSKY, 1989, p.97)

Esse conceito norteia para uma nova perspectiva da prática pedagógica na qual o aluno é construtor de seu próprio conhecimento. Ao educador, cabe restituir seu papel fundamental na aprendizagem, afinal, para o aluno construir novos conhecimentos precisa de alguém que o ajude, ele não o fará sozinho. Considerando o professor como um suporte, ou “mediador” na construção do conhecimento do aluno. Nessa perspectiva, a educação não fica à espera do desenvolvimento intelectual da criança. Ao contrário, sua função é levar o aluno adiante, pois quanto mais ele aprende, mais se desenvolve mentalmente.

A problemática nas escolas (Aluno x Professor)

As relações humanas, embora complexas, são peças fundamentais na realização de mudanças em nível profissional e comportamental. Como o ensino não pode e não deve ser algo estático, é preciso lembrar que a sala de aula não é apenas um lugar para transmitir conteúdos teóricos; é, também, local de aprendizado de valores e comportamentos, de aquisição de uma mentalidade científica lógica e participativa, que poderá possibilitar ao indivíduo, se bem orientado, interpretar e transformar a sociedade e a natureza em benefício do bem-estar coletivo e pessoal.

Para Stuart Hall,

A formação de uma cultura nacional contribuiu para criar padrões de alfabetização universais, generalizou uma única língua vernacular como o meio dominante de comunicação em toda a nação, criou uma cultura homogênea e manteve instituições culturais nacionais, como, por exemplo, um sistema educacional nacional. (Hall, 2006, p. 49 e 50).

É de suma importância a presença de professores, que têm amor pela profissão que exercem, comprometidos com a produção do conhecimento para benefício social, e que desenvolvem com seus alunos um vínculo muito estreito de amizade e respeito mútuo pelo saber. Professores que não medem esforços para levar os seus alunos à ação, à reflexão crítica, à curiosidade, ao questionamento e à descoberta são essenciais para a nação.

Uma relação respeitosa estabelecida entre a identidade dos professores e a identidade dos alunos constitui o cerne do processo pedagógico. É impossível desvincular a realidade escolar da realidade de mundo vivenciada pelos estudantes, uma vez que essa relação é uma “via de mão dupla”, pois ambos (professores e alunos) podem ensinar e aprender através de suas experiências.

Uma vez que a identidade muda de acordo com a forma como o sujeito é interpelado ou representado, a identificação não é automática, mas pode ser ganhada ou perdida. Ela tornou-se politizada. Esse processo é, às vezes, descrito como constituindo uma mudança de uma política de identidade (de classe) para uma política de diferença. (HALL, 2006, p.21).

Sendo de suma importância a existência de confiança, afetividade, empatia e respeito entre docente e discente nas suas diferentes identidades culturais constituídas, seja de raça, sexualidade, etnia ou nacionalidade, para que se desenvolva da melhor forma possível a leitura, a escrita, a reflexão, a aprendizagem e a pesquisa autônoma.

Conclusão

Três caminhos foram percorridos: No primeiro, analisamos a relação entre identidade e educação. Neste procuramos esboçar o fenômeno da “mudança identitária” a partir do contato professor-aluno, aluno-professor, aluno-aluno. Num segundo momento, aprofundamos nestas relações buscando substanciar o debate com dois teóricos: Piaget e Vygotsky. De Piaget trouxemos sua idéia da relação do ser humano com o seu meio que em seu ponto de vista é sempre ativa e transformadora. De Vygotsky, estabelecemos contato com o seu conceito de “desenvolvimento intelectual” que ocorre tanto no nível real quanto no potencial. O primeiro denota a capacidade do aluno de agir por si mesmo, pois, neste o seu conhecimento já está consolidado. No potencial, apesar de o aluno não ter domínio sobre determinado assunto ele é capaz de aprendê-lo. Em um terceiro momento, buscamos discutir um pouco dos conflitos

existentes entre o aluno e o professor. Tentamos enfatizar a função prioritária do professor como guias, como direcionadores, levando os alunos a pensarem coerentemente, e conseqüentemente, a agirem de maneira refletida. Por outro lado, é fundamental entender que esta relação não é dívida apenas do professor, neste processo ambos têm a ganhar, a aprender e a ensinar um ao outro.

Reforçamos aqui que a pesquisa ora apresentada está ainda com vários espaços em aberto, ou seja, há muitos passos a trilhar. Mas, procura deixar evidente que a interação entre os sujeitos da educação é um caminho fundamental para uma formação identitária que vai viabilizar não só uma boa relação dentro das nossas escolas, mas, pensamos, em toda sociedade.

REFERÊNCIA:

BAUMAN, Zigmunt, 1925 – *Identidade*. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. – Rio de Janeiro: Zahar Ed., 2005.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução de Tomáz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A. 2006.

PIAGET, Jean. *Biologia e Conhecimento*. 2ª Ed. Petrópolis: Vozes, 1996.

VALSINER, Jaan. Bidirectional cultural transmission and constructive sociogenesis. In: GAAF, W. de; MAIER, R. (Orgs.), *Sociogenesis reexamined*. New York: Springer, 1994. p. 47-70.

VYGOTSKY, Lev Semenovich. *A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores*. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

_____. *A formação social da mente*. Rio de Janeiro: Martins Fontes, 1996.

WOODWARD, Kathryn. *Identity and Difference: Culture, Media and Identities*. London: The Open University, 2002.

ⁱ Tradução do professor Samuel Nunes dos Santos, atualmente mestrando em História pela UFG.